

9º ANO 1º BIMESTRE

MATERIAL

Rioeduca

NOME: _____

ESCOLA: _____



Educação



EDUARDO PAES

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

RENAN FERREIRINHA CARNEIRO

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

TERESA COZETTI PONTUAL PEREIRA

SUBSECRETARIA DE ENSINO

MICHELE VALADÃO VERMELHO ALMEIDA

RENATA SURAIDE SILVA DA CUNHA BRANCO

COORDENADORIA DE ENSINO FUNDAMENTAL

ALEXANDRE OLIVEIRA DE SOUZA

SIMONE CORRÊA DOS SANTOS MEDEIROS

ELABORAÇÃO/ CURADORIA DE CIÊNCIAS

NIVEA MUNIZ VIEIRA

ELABORAÇÃO/ CURADORIA DE GEOGRAFIA

VANESSA KERN DE ABREU

MARIANA DE OLIVEIRA AMORIM

ELABORAÇÃO/CURADORIA DE HISTÓRIA

EDWIGES DE ARAUJO REGO

PATRICIA HELENA DA SILVA COSTA

RENATA SURAIDE SILVA DA CUNHA BRANCO

ELABORAÇÃO/ CURADORIA DE LÍNGUA INGLESA

LINCOLN MARCO DA SILVA SALLES

ELABORAÇÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA

GINA PAULA BERNARDINO CAPITÃO MOR

CURADORIA DE LÍNGUA PORTUGUESA

ELISA MURIEL SANTOS DA SILVA

ELABORAÇÃO/ CURADORIA DE MATEMÁTICA

HAYDÉE LIMA DA COSTA

REVISÃO TÉCNICA DE CIÊNCIAS

CAYO TEIXEIRA PEDROTE

REVISÃO TÉCNICA DE GEOGRAFIA

SINÍSIO JEFFERSON ANDRADE SILVA

REVISÃO TÉCNICA DE HISTÓRIA

PATRICIA HELENA DA SILVA COSTA

REVISÃO TÉCNICA DE LÍNGUA INGLESA

ELISABETE MARTINS FEIO BRANDT

REVISÃO TÉCNICA DE LÍNGUA PORTUGUESA

SILVIA MARIA SOARES COUTO

REVISÃO TÉCNICA DE MATEMÁTICA

CRISTINA VARANDAS RUBIM

JOSÉ ZÉLIO THOMÉ DE CASTRO

REVISÃO ORTOGRÁFICA

EDIGRÁFICA
EDITORAÇÃO E IMPRESSÃO

MIGUEL PAIXÃO
SUPERVISÃO GRÁFICA

CONTATOS E/SUBE

Telefones: 2293-3635 / 2976-2558
cefsme@rioeduca.net

Querido aluno e querida aluna,

É com muita honra que apresento o Material Rioeduca – 1º Bimestre. Ele vai acompanhar você de fevereiro até abril de 2021.

É importante saber que este material trabalha com atividades do 1º semestre de 2020, escolhidas dentre aquelas do ano passado, para que você faça uma revisão. Elas ajudarão você a lembrar o que aprendeu ou a entender melhor aquilo que não aprendeu muito bem. Você poderá usar o Material Rioeduca pelo aplicativo ou em forma de livro.

As atividades foram elaboradas por professores das nossas Escolas com muito carinho e cuidado. Todas as pessoas que trabalham pela Educação da nossa cidade estão empenhadas em fazer com que você tenha a melhor experiência possível, a partir de todos os materiais oferecidos.

Além do Material Rioeduca, você poderá receber outros livros, terá acesso às aulas ao vivo e aulas gravadas e poderá procurar a sua escola sempre que tiver alguma dúvida.

Estamos muito felizes em dar as boas-vindas nesse ano de 2021. Queremos que você, acima de tudo, aprenda cada vez mais e possa sentir orgulho de ser estudante da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, do mesmo jeito que eu sinto por estar com você nesse desafio.

Um grande abraço e bons estudos!

Renan Ferreirinha
Secretário Municipal de Educação do Rio

Mire a câmera do celular no QR Code ao lado
e receba as boas-vindas do Secretário
Municipal de Educação.



SUMÁRIO

6 TEXTO 1 - ESPERANÇA

6 TEXTO 2 - RECEITA DE ACORDAR PALAVRAS

7 TEXTO 3 - TIRINHA BICHINHOS DE JARDIM

7 TEXTO 4 - HISTÓRIA DE SONHO

9 TEXTO 5 - EU NÃO PASSARINHO

11 TEXTO 6 - O FIM DA ESCRITA DE MÃO

12 TEXTO 7 - TODAS AS CARTAS DE AMOR SÃO RIDÍCULAS

13 TEXTO 8 - A IMPORTÂNCIA DO LIVRO

14 TEXTO 9 - PINTURA

14 TEXTO 10 - A MOÇA TECELÃ

16 TEXTO 11 - O PERFUME DO RIO

19 TEXTO 12 - A ORIGEM DO SAMBA

19 TEXTO 13 - A HISTÓRIA DO SAMBA

20 TEXTO 14 - MAR

21 ÂNGULOS ADJACENTES COMPLEMENTARES E SUPLEMENTARES

21 ÂNGULOS OPOSTOS PELO VÉRTICE

22 NÚMEROS RACIONAIS: SUAS REPRESENTAÇÕES E OPERAÇÕES

25 RAÍZES QUADRADAS DE NÚMEROS RACIONAIS

26 GRANDEZAS E MEDIDAS

28 ÁLGEBRA- EXPRESSÕES ALGÉBRICAS

31 ÁLGEBRA- EQUAÇÕES DO 1.º GRAU

32 GEOMETRIA - ÂNGULOS NAS PARALELAS

34 ESTATÍSTICA

36 MOVIMENTOS DA TERRA

37 A LUA, SUAS FASES E OS ECLIPSES LUNAR E SOLAR

38 ATIVIDADES NO CADERNO

39 FONTES DE ENERGIA DO NOSSO PLANETA

40 TRANSFORMAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE ENERGIA

41 DE ONDE VEM A ENERGIA ELÉTRICA QUE CHEGA EM NOSSAS CASAS?

42 SABENDO USAR O PLANETA AGRADECE

42 ATIVIDADES NO CADERNO

43 O EIXO INCLINADO DA TERRA E AS ESTAÇÕES DO ANO

44 CLIMA E TEMPO

45 A PREVISÃO DO TEMPO

SUMÁRIO

- 46 A CIRCULAÇÃO ATMOSFÉRICA E CORRENTES OCEÂNICAS INFLUENCIAM NO CLIMA
- 47 OUTROS FATORES CLIMÁTICOS QUE INFLUENCIAM NO CLIMA
- 47 OS BIOMAS BRASILEIROS E O CLIMA
- 48 OS PRINCIPAIS CLIMAS DO PLANETA TERRA
- 49 ATIVIDADES NO CADERNO
- 50 REPRESENTAÇÃO DOS FENÔMENOS GEOGRÁFICOS
- 52 A FORMAÇÃO DOS ESTADOS NACIONAIS
- 53 O BRASIL NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO
- 55 REDES E MOVIMENTOS SOCIAIS
- 57 ORGANISMOS INTERNACIONAIS E DIREITOS HUMANOS
- 59 FLUXOS MIGRATÓRIOS
- 62 O PENSAMENTO ILUMINISTA E O LIBERALISMO
- 62 PARA ALÉM DO ILUMINISMO
- 63 A INGLATERRA LIDERA A ECONOMIA MUNDIAL!
- 63 O FERRO E O CARVÃO NO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO
- 64 O TRABALHO
- 65 A FRANÇA DO ANTIGO REGIME
- 65 FATORES DA CRISE
- 66 A QUEDA DA BASTILHA... O INÍCIO DA REVOLUÇÃO FRANCESA
- 66 DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO
- 67 AS IDEIAS REVOLUCIONÁRIAS CHEGAM À AMÉRICA
- 68 A INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
- 68 A ESTRUTURA DA REPÚBLICA NORTE AMERICANA
- 69 REVOLUÇÃO DO HAITI
- 71 A AMÉRICA ESPANHOLA E OS PROCESSOS DE INDEPENDÊNCIA
- 72 A REVOLTA DE TUPAC AMARU, 1780-1781
- 73 AS FASES DO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DA AMÉRICA ESPANHOLA
- 74 e 75 GABARITO LÍNGUA PORTUGUESA
- 76 E 77 GABARITO MATEMÁTICA
- 78 GABARITO CIÊNCIAS
- 79 GABARITO GEOGRAFIA
- 80 GABARITO HISTÓRIA



Querido estudante, bem-vindo ao nono ano!
Desejamos que você construa um ano maravilhoso. Um bom caminho para isso é a leitura! Por isso, neste material você vai ser convidado a ler textos variados.

Para iniciar, leia a letra de canção. Como você sabe, as letras de canção organizadas em versos.

Você pode ouvir a canção usando o QR code ou o link.

Texto 1 - Esperança

Luiz Schavion, Marcelo Barbosa, Nil Bernardes.

Quem aqui chegou
Quem aqui chegar
Traz sempre um sonho
De algum lugar
Vem de peito aberto
Sem saber o que será
Com coragem de se aventurar

Quem aqui chegou
Quem aqui ficar
Por esses caminhos
Há de encontrar
Outros tão iguais
Corações a se entregar
E criando a vida



Vida, vidas, esperança
Sonho, sonho, sonhos, esperança
E paz, paz, paz, esperança [...]

<https://www.letras.mus.br/daniel/327896/>

1. Qual é o tema da letra de canção?

2. Como você sabe, há termos na língua portuguesa que expressam circunstâncias – de tempo, modo, lugar, intensidade... Na primeira estrofe, sublinhe o termo que indica a circunstância de lugar.

3. Segundo o texto, quem chega traz o quê?

4. O que significa a expressão “de peito aberto” no texto?

Vamos conversar?

Converse com seus colegas e/ou familiares sobre o que vocês esperam para este novo ano. Quais são as suas esperanças, desejos e sonhos? Troque ideias, emita a sua opinião e ouça com atenção as opiniões dos outros.

O próximo texto é um poema. Perceba como as palavras são utilizadas com a finalidade de provocar o leitor, ativar a sua imaginação.

Texto 2 - Receita de acordar palavras

Roseana Murray

Palavras são como estrelas
Facas ou flores
Elas têm raízes pétalas espinhos
São lisas ásperas leves ou densas
Para acordá-las basta um sopro
Em sua alma
E como pássaros
Vão encontrar seu caminho.

Receitas de Olhar.

MURRAY, Roseana. São Paulo: FTD, 1997.



1. No texto 2, em relação às palavras, quais são as comparações que podemos encontrar?

2. O que significa “soprar na alma das palavras”?

Que palavras você acordaria para este ano? Que palavras contribuiriam para concretizar as esperanças, desejos e sonhos sobre os quais você conversou na atividade anterior?

Escreva essas palavras e justifique as suas escolhas. Experimente brincar com as palavras, fazendo associações e comparações. Você pode escrever em prosa ou em verso. Se arrisque! Liberte as melhores palavras! Você pode até escrever uma receita poética, que tal?

Texto 3

http://bichinhosdejardim.com/sonho-2/



E por falar em sonho...

1. O que acontece em cada quadrinho da tirinha?

2. Que mensagem possível a Tirinha nos traz?



A palavra SONHO tem vários significados dicionarizados. Veja 2: “Conjunto de pensamentos, imagens, ideias e fantasias que se experimenta enquanto se dorme” e ‘Ideal ou ideia dominante que se persegue com interesse e paixão” (<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sonho>). Leia o próximo texto e perceba a que sonho se refere. O texto é uma crônica. O que você já aprendeu sobre as crônicas?

Texto 4 - História de sonho

Rachel de Queiroz

Esta noite sonhei com Portugal. Queria saber contar sonhos, porque foi um sonho bonito. O medo que a gente tem (embora na aparência se trate apenas de um sonho inocente e até lírico), o medo são os amigos interpretadores, capazes de tirar uma história de sete cabeças do sonho mais inofensivo. [...]

Pois como dizia, sonhei com Portugal. Não via mapa, nem letreiro, nem explicação formal, mas que era Portugal, não tinha dúvida. A gente ia num barco por um rio tranquilo, muito largo e com pedras à margem. E aos poucos se avistava uma cidade ou aldeia com casas antigas, abarracadas, subindo um morro; e eram tantos os pomares que de repente o rio se afundava entre as árvores e se virava num riachinho à toa; depois já não tinha riachinho, nem barco, nem nada, a gente estava dentro de uma das casas do lugar, na sala grande com móveis pesados de talha, e umas cortinas vermelhas de veludo. E na sala estavam duas velhas e um velho, sendo que uma delas se sentava numa cadeira de balanço e tinha um gato branco no colo. Os três falaram comigo, e eu sei que me sentia mal por haver penetrado ali naquela sala particular e tão tranquila sem pedir licença, mas a velha de pé me tranquilizou — talvez dissesse que era costume receber turistas; a velha sentada não dizia nada, continuava se embalando e sorrindo. Depois os três iniciaram uma história, mas era muito aflitivo porque eu não conseguia entender quase nada do que eles diziam; só me dava a impressão de que era fala das fitas de cinema português, cujo diálogo a gente nunca sabe se compreende tão mal porque é mesmo difícil de entender a língua deles ou se é porque o aparelho de som está ruim. Aliás, lembrando bem, eles falavam mesmo com voz de cinema, tinha até uma música de fundo. E aí eu perguntava à senhora da cadeira de balanço quanto é que custava uma casa naquela aldeia — assim bonita e antiga como aquela. E ela respondeu um preço que não me recordo, mas que achei muito barato; se bem que a velha falasse em escudos — mas decerto no sonho eu entendia de câmbio de escudos, porque só o que me espantou foi a barateza do preço. Fiz então umas contas de cabeça, calculei que vendendo isto e aquilo aqui no Brasil dava para comprar aquela casa. Sim, aquela. Com a intensidade maior da minha vida, embora eu não tivesse coragem de o dizer às velhas, assaltara-me a cobiça de ser dona da casa delas, daquela e nenhuma outra — com aqueles móveis, e a pequena escada sumida na sombra da sala grande, e os três velhos e a cadeira de embalo com o gato branco. [...]

Nesse ponto o sonho entrou a escurecer e a confundir, esfumou-se em *fade out*, e não sei se acordei logo, ou se caí num sono pesado e sem consciência de nada. Só sei que me levantei de manhã com o mesmo desejo no coração, e por mais que as horas se passem ainda tenho presente na lembrança as mãos claras da velhinha e vista que se enxergava da janela e o soalho da casa de tábuas areadas e bem largas.

Conto este sonho à toa. Mesmo porque, diz que é tolice contar sonho. Mas diz também o povo que a gente não contando ele não acontece. E a verdade é que eu queria satisfazer este sonho, descobrir aquela casa, aquele rio, aquelas velhas. E conversar outra vez com elas [...].

Também ninguém pense que estou inventando um apólogo, que no fim haverá uma moral ou uma explicação. É um sonho e nada mais, naturalmente anárquico e sem sentido. Já falei que o conto à toa - fazendo um papel que nunca fiz, imagine contar sonho, tanta tolice sem sentido. Mas me deixou melancólica e cheia de saudades, incapaz de escrever coisas sensatas, como seria da minha obrigação.[...]

Glossário: câmbio – troca de uma moeda por outra . Escudos – antiga moeda portuguesa.
fade out – a imagem vai desaparecendo aos poucos, até ficar totalmente invisível.

1. De que trata o texto 4 (um trecho de crônica)? Qual é o tema do texto?

2. Como é o narrador do texto? Destaque um trecho que confirme a sua resposta.

“O narrador pode se apresentar como narrador-personagem, ou seja, aquele que participa das ações, dos fatos; ou como narrador-observador, que não participa da história, somente a observa. O narrador-observador se caracteriza pelo uso dos verbos em terceira pessoa e o narrador-personagem pelo uso dos verbos em primeira pessoa. O tipo de narrador constitui o foco narrativo do texto.”

Relembrando.

<https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/13843/historia-de-sonho?>



3. O que significa, no primeiro parágrafo, a expressão “sete cabeças”?

4. Para que foram utilizados os parênteses no primeiro parágrafo? Qual é o efeito desse uso?

5. No trecho a seguir, a que o termo destacado se refere?

“E na sala estavam duas velhas e um velho, sendo que uma delas se sentava numa cadeira de balanço e tinha um gato branco no colo.”

6. No terceiro parágrafo, qual é a causa da narradora ficar aflita ao ouvir a história que os três personagens começaram a contar? Sublinhe o trecho no texto.

7. Qual é a relação estabelecida pelos termos destacados no trecho “E ela respondeu um preço que não me recorde, mas que achei muito barato...”? _____

8. O que aconteceu, depois que a narradora-personagem descobriu o valor da casa?

9. Afinal, o que a narradora cobiça?

10. Qual é o sentido do termo destacado em “Nesse ponto o sonho entrou a escurecer e a confundir [...]”

11. Uma característica das crônicas é a reflexão sobre fatos do cotidiano, triviais, banais. Qualquer assunto pode servir a uma crônica. O cronista escreve em um tom simples, informal e, como em uma conversa com o leitor, vai fazendo comentários e reflexões. O olhar sensível do cronista é muito importante nas crônicas.

No caso da crônica que você acabou de ler, a cronista nos conta, narra, um sonho. Nos dois últimos parágrafos, observe como ela faz comentários e declara que conta um “sonho à toa.”

No último parágrafo, indique um trecho em que se percebe a conversa com o leitor.

A autora do texto é Rachel de Queiroz (1910 - 2003). É sempre muito enriquecedor conhecer mais sobre os escritores e suas obras.

Use os links e QR Codes para saber mais sobre Rachel de Queiroz e assistir a um vídeo sobre uma de suas obras.



<https://bit.ly/39HDypf>



<https://bit.ly/3qoQNSy>

Não perca também!
Um vídeo sobre a nossa vida: crônica
Acesse Multirio
<http://bit.ly/2nTI9hk>



Produção de Texto

Agora é com você! Seu desafio vai ser escrever uma crônica.

Na sua crônica, o narrador será um jovem que contará um sonho especial que sonhou recentemente.

Antes de escrever, planeje o seu texto. O narrador já está determinado, mas você precisa pensar nos outros elementos da narrativa: onde e quando se passa a história do sonho? Que outros personagens participam do sonho além do narrador? Como o sonho começa? O que acontece de interessante? Qual o momento de maior tensão? Como o sonho termina?

Que reflexões e comentários fará? Como “conversará” com o seu leitor? Seus leitores serão os seus colegas e os seus familiares.

Ao escrever, organize seu texto em parágrafos e em uma sequência coerente, com início, meio e fim.

Ao finalizar a primeira versão do texto, é hora de reler e fazer a **revisão**. Uma boa ideia é fazer uma lista com o que você não pode deixar de observar na revisão.

Por fim, reescreva levando em conta o que observou na revisão. E compartilhe o seu texto!

Vamos a mais uma crônica.

Texto 5 - EU NÃO PASSARINHO

Convencionou-se que pessoas de boa índole gostam de natureza. Bom, eu gosto muito de natureza, ainda que não seja a candidata ideal para me exilar num sítio ou numa praia deserta por um tempo que exceda o período de férias. Além disso, tenho uma relação pouco amistosa com passarinhos, logo com eles, os representantes oficiais da vida ao ar livre. Se o quesito for esse, não sei se minha índole poderá ser bem avaliada.

Quando criança, os contos de fada tentaram me convencer da prestatividade dos passarinhos. Quando a Gata Borralheira resolveu que iria ao baile no castelo do príncipe mesmo sem ter um trapo decente para vestir, foram os passarinhos que a ajudaram a se transformar numa Cinderela, providenciando tecidos coloridos e customizando as peças. Eles praticamente inventaram a profissão de *personal stylist*.

No desenho da Branca de Neve, foram ainda mais prestigiosos. Conduziram a mocinha, perdida na floresta, até a casa dos anões, que ela jamais encontraria sem um GPS. E, depois, quando a bruxa malvada a envenenou com a maçã, foram eles que correram até a mina e alertaram os anões para o que estava acontecendo. Twitter pra quê?

Enquanto escrevo essa crônica, às 9 horas, escuto pássaros. É encantador, se levarmos em conta que estou instalada no décimo andar de um prédio num bairro movimentado da cidade. Como a rua é arborizada e há um parque quase em frente, a passarinhada está garantida. Só que eles não começaram a cantar agora. Estão cantando desde cedo. Bem cedo. Desde as quatro da manhã, para ser exata. Eu adoraria acordar com o canto dos pássaros às quatro da manhã se tivesse que levantar para ordenhar vacas, cortar lenha e assar o pão em minha casinha romântica instalada no cenário idílico do campo, mas não levo uma vida romântica: me deixem dormir.

Também não preciso levantar às quatro da manhã para preparar o almoço das crianças e então pegar três ônibus para chegar ao trabalho. Tivesse a vida sacrificada que tantos têm, acordar com os passarinhos seria menos aflitivo do que acordar com um estridente despertador. Mas não levo essa vida sofrida, o horário que devo sair da cama é exatamente 06h50. Só que abro os olhos bem antes disso. Muito antes. Por obra e graça você sabe de quem.

A primavera está chegando e isso é uma notícia alvissareira depois de um inverno tão castigante. É o momento de recepcionar com alegria os inofensivos e belos cantantes matinais, que tanta poesia conferem ao nosso cotidiano. Pena que eu não seja assim tão nobre. Só gosto de passarinho em estampas, selos, quadros e fotos (mentira, mentira, nem isso, só estou querendo angariar sua simpatia). Índole? Nota 7.

MEDEIROS, Martha. *A Graça da Coisa*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

1. Transcreva uma opinião da cronista do primeiro parágrafo.

2. No trecho “[...] eu gosto muito de natureza, ainda que não seja a candidata ideal para me exilar num sítio ou numa praia deserta por um tempo que exceda o período de férias. [...]”, que elemento coesivo estabelece a relação de oposição, de restrição?

3. Que relação é estabelecida pelo termo destacado em “Se o quesito for esse, não sei se minha índole poderá ser bem avaliada.”? _____

4. Por que a índole da cronista não poderá ser bem avaliada no texto?

5. Para a cronista, o que significa a “prestatividade dos passarinhos”?

6. Qual é o sentido da expressão de Língua Inglesa “personal stylist”, no segundo parágrafo?

7. Na opinião da cronista, no desenho da Branca de Neve, os passarinhos “foram ainda mais prestigiosos” que na história da Cinderela. Por quê?

8. Que evidência de informalidade aparece no final do terceiro parágrafo?

9. No início do quarto parágrafo, a cronista cria uma expectativa no leitor que, em seguida, é desfeita. Como isso acontece no texto?

10. No trecho a seguir, se estabeleceu uma relação de causa e consequência. Explique.

“[...] Como a rua é arborizada e há um parque quase em frente, a passarinhada está garantida. [...]”

11. A **gradação** é uma figura de linguagem em que as ações expostas crescem ou decrescem, expressando sentidos. Observe a gradação no trecho.

“[...] Só que eles não começaram a cantar agora. Estão cantando desde cedo. Bem cedo. Desde as quatro da manhã, para ser exata. [...]”

Qual é o efeito de sentido dessa gradação?

12. Ao final do quarto parágrafo, a cronista dá uma ordem. Que ordem é essa e a quem ela se dirige?

13. Em “[...] Por obra e graça você sabe de quem. [...]”, a que se refere a cronista?

14. “[...] Só gosto de passarinho em estampas, selos, quadros e fotos (mentira, mentira, nem isso, só estou querendo angariar sua simpatia). Índole? Nota 7 .[...]”

a) Qual é a função dos parênteses no trecho?

b) Qual o efeito de sentido da repetição da palavra “mentira” nos parênteses?

15 Transcreva da crônica um trecho em que o efeito de humor seja mais evidente para você.

Vamos a mais uma crônica.

Texto 6 - O fim da escrita de mão

Flávio Ferrarini

Pois, meu prezadíssimo leitor, estou escrevendo esta crônica à mão. Somente após estar inteiramente escrita e revisada, transcreverei o texto para o meio digital, ou seja, para o processador de texto do computador.

Normalmente, vinha escrevendo quatro ou cinco linhas no papel – a ideia central –, e depois corria para o computador. A razão disso? Continue lendo e logo descobrirá.

Nós que ainda mantemos um leve traço de romantismo estamos indo de mal a pior.

As últimas referências que tínhamos das memórias afetivas caminham para o fim.

A fotocopadora ou a máquina de Xerox, como todos nós a conhecemos, praticamente se foi. Caso você não lembre ou não saiba, a operação se inicia quando acende uma lâmpada com a função de varrer todo o documento copiado. A imagem é projetada por meio de lentes e espelhos para a superfície de um tambor fotossensível.

Logo não ficará nem uma cópia da máquina de Xerox para contar a história. O mesmo aconteceu com a velha máquina de escrever e com o aparelho de fax. Há quem diga que o livro físico também está com os dias contados, dando lugar aos *e-books* ou os livros eletrônicos.

O golpe de misericórdia contra nós, os últimos românticos, é o anúncio da morte da escrita cursiva, em que as palavras são formadas com letras emendadas pelas pontas. Os americanos estão tornando opcional o ensino da escrita de mão. O argumento para a decisão é que a letra cursiva não é mais útil ao computador.

Então é isso: adeus lápis e caneta.

Não demorará muito tempo para o lápis e a caneta caírem no ostracismo. Em algumas dezenas de anos, esses fabulosos instrumentos da escrita à mão só serão encontrados em museus e nas mãos de colecionadores.

Imagine, espantadíssimo leitor, que daqui a alguns anos, quase ninguém mais saberá escrever em uma folha branca de papel, mas tão somente digitar no teclado do computador. [...]

Para nós que amamos as canetas quase tanto quanto as nossas mães será uma dor imensa ter que aceitar o abandono do ensino da escrita em cursivo.

Lembra da caneta-tinteiro? Levei surras homéricas para aprender a manejá-la corretamente de forma que não saísse distribuindo borrões no papel. Lembra dos cursos de caligrafia? [...]

Nas relações médico-paciente, a velha caneta e o velho papel também sumirão. Nas consultas, o profissional olhará apenas para o teclado e a tela do computador, enquanto o paciente lhe informa o seu histórico da saúde.

É claro que deixei intencionalmente para o epílogo o assunto das cartas. [...]

Espero que não me bote a pecha de brega, mas uma boa carta de amor é irresistível, mesmo que o velho Pessoa tenha dito que todas as cartas de amor são ridículas. “Escrevo-te essas mal traçadas linhas, meu amor”...

Adaptado de <http://www.tirodeletra.com.br/conto/Cronica-Ofimdaescritaamao.htm>

Glossário: Ostracismo - *rejeição*. Homéricas - *gigantescas*. Epílogo - *encerramento*. Pecha - *defeito*. Pessoa – *referência ao célebre poeta e escritor português Fernando Pessoa (1888 - 1935)*.

1. Quando o(a) cronista(a) fala com o leitor(a), costumamos dizer que houve um *diálogo*. Você consegue perceber essa *conversa*, no primeiro parágrafo? Comente.

2. Pela leitura da crônica (texto 6), notamos que o cronista fala de acordo com o seu ponto de vista sobre o hábito de escrever no papel. Podemos dizer que há uma opinião em “Então é isso: adeus lápis e caneta”? Explique.

3. Como você já sabe, a crônica é um texto em que uma situação banal do cotidiano é escrita e se torna um tema interessante para uma reflexão sobre a vida. A partir disso, o que o autor defende, no último parágrafo?

4. Qual o sentido da expressão destacada no trecho: “Há quem diga que o livro físico também está com os dias contados, dando lugar aos *e-books* ou os livros eletrônicos.”

5. Observe o trecho com atenção: “Os americanos estão tornando opcional o ensino da escrita de mão. O argumento para a decisão é que a letra cursiva não é mais útil ao computador.”
Pelo que você leu, o que é um argumento?

6. No trecho a seguir, indique os termos que expressam circunstâncias de tempo e lugar. O trecho é um fato ou uma opinião?
“Em algumas dezenas de anos, esses fabulosos instrumentos da escrita à mão só serão encontrados em museus e nas mãos de colecionadores.”

7. Por que foram utilizadas aspas no trecho: “Escrevo-te essas mal traçadas linhas, meu amor” ...”?



Você percebeu que o cronista citou - com bastante informalidade - um mestre da literatura: Fernando Pessoa? Ele faz referência a um poema de Pessoa. Vamos ler e nos deliciar?



https://www.revistaprosaveroarte.com/13-belissimos-poemas-de-ricardo-reis-fernando-pessoa/

Texto 7

Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.

Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas.

No link a seguir ou pelo QR code, você poderá assistir a uma apresentação de Maria Betânia que inclui a declamação do poema.



https://www.revistaprosaveroarte.com/todas-as-cartas-de-amor-sao-ridiculas-alvaro-de-campos-fernando-pessoa/

Convidamos você e seus colegas e/ou familiares a ler outros poemas de Fernando Pessoa. A literatura alegre a vida!
Acesse o link
<http://arquivopessoa.net/textos/2492>

Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas.

A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor
É que são
Ridículas.

(Todas as palavras esdrúxulas, Como os sentimentos esdrúxulos, São naturalmente Ridículas).

Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993).

Leia o poema em voz alta algumas vezes. Leia saboreando as palavras e pensando nas pausas, no ritmo, no tom de cada palavra.
Você pode gravar essa leitura expressiva e compartilhar com seus familiares.

Agora, responda:
1. De acordo com o texto, qual foi o efeito provocado pela repetição da palavra “Ridículas” compondo versos no final das estrofes?

Vamos conversar?

Como você leu no texto, o cronista cita vários objetos que saíram de uso, tendo sido substituídos por outros. Que tal conversar com seus familiares sobre esse assunto? Hábitos e costumes também vão se alterando...Isso é bom ou é ruim? Depende... Converse, troque ideias, ouça opiniões dos outros e expresse as suas.



Antes da próxima atividade, que tal uma fazer também uma parada literária? Acesse o link ou utilize o QR Code e conheça o Portal da Crônica Brasileira. Lá você encontra textos dos nossos maiores cronistas! Convide seus colegas e/ou familiares e promova uma roda de leitura.
<https://cronicabrasileira.org.br/>



Produção de Texto

A crônica tem, como traço marcante, o olhar para o cotidiano, registrado em um texto geralmente conciso. A vivência do cronista e suas observações sobre a vida, sobre fatos banais – “pitorescos ou irrisórios” – do dia a dia, são assuntos de uma crônica.” In: Crônicas, 5/ Carlos Drummond de Andrade... [et al.]. São Paulo: Ática, 2011. (Para gostar de ler).

Agora você vai escrever outra crônica. Aproveite o assunto da roda de conversa e escreva sua crônica refletindo sobre os objetos e hábitos que têm sido substituídos por outros atualmente. Você pode começar imaginando encontrar algum objeto antigo, em uma caixa esquecida no fundo de um armário... Ou pensar em outra situação do cotidiano. Organize seu texto em parágrafos, mantenha o tom informal e converse com o seu leitor. Tome como referência as crônicas que você leu. Não deixe de planejar o seu texto, revisar e reescrever. Ah, e, é claro, compartilhe sempre as suas escritas!

Já que você leu um poema... Continue lendo, agora um cordel!



A Literatura de Cordel – muito encontrada em livretos pendurados em cordinhas ou cordéis - é uma antiga herança portuguesa deixada no nordeste brasileiro. Seja cantada ou falada, o romanceiro popular faz sua poesia improvisada com rimas, métricas e palavras para tratar de diversos temas! Confira o texto 8!

Texto 8

A importância do livro

João Theotônio de Carvalho

Acesse o link ou use o QR CODE e saiba mais sobre CORDEL. Que tal organizar uma roda de leitura? <http://www.ablc.com.br/>



1- Vou escrever este cordel

Pra estimular a leitura,
Divulgar sempre o livro
Como um meio de cura
E quem quiser aprender
Ou melhor compreender,
Veja essa Literatura.

2- O livro sempre será

Amigo do cidadão,
Quem lê tem
Conhecimento,
Grande saber e visão
E quem não preza estudar
Facilmente perderá
Oportuna ocasião.

3- Agora, ninguém se engane,

Este é o maior instrumento
Para a libertação,
Seja em qualquer momento,
Esteja onde estiver,
Com muita ou nenhuma fé,
Leia até em movimento.

4- Aproveite a mocidade,
Cuide logo de estudar,
Pois o livro em toda parte
Satisfação vai lhe dar,
Será mais compreendido
E sempre bem recebido,
Vão sempre lhe admirar.

5- Sendo assim vou lhe dizer,
Sem nenhum medo de errar,
Pra se ler não tem momento
Especial ou lugar
- Ou mesmo inspiração -
Basta só a decisão
Pra começar a estudar. [...]

Adaptado de <http://www.projetocordel.com.br/cordel-a-importancia-do-livro.php>



1. O texto 8 é um **cordel** (Literatura de Cordel). Após ler a primeira estrofe, responda:

a. Qual é a finalidade ou o objetivo do cordel (texto 8).

b. Que uso informal da Língua Portuguesa pode ser observado no texto?

c. Qual sentido tem o elemento destacado em: “E quem quiser aprender”?

2. Do que trata o texto 8?

Texto 9

https://www.wikidart.org/pt/almeyda-junior/leitura-1892



Leitura (1892) de José Ferraz de Almeida Júnior.

1. Leia o texto 9 atentamente. O que está retratado na tela?

2. Mesmo diferentes, há um diálogo entre os textos 8 e 9? Explique.

Quem nunca se encantou por uma boa história? Convidamos você a seguir lendo, agora um conto.

. Como você já sabe, um conto, em geral, possui uma **estrutura** mais ou menos composta pelos seguintes momentos: *situação inicial (ou apresentação)*, *complicação (conflito gerador)*, *clímax* e *desfecho*.

De maneira geral, o conto é mais breve que um romance e apresenta número reduzido de personagens. O tempo e o espaço em que se desenvolve a história também são mais restritos. Podemos dizer que esse gênero textual apresenta **sequências de fatos**, que são vividos pelas **personagens**, num determinado **tempo** e **lugar**. Existe também um **narrador**, aquele que conta a história.

Texto 10 - A moça tecelã

Marina Colasanti

Observe que a narrativa apresenta cores vivas em um cenário de belas e poéticas imagens.

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comida. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia **tranquila**.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo apumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponto dos sapatos, quando bateram à porta.

1. Metaforicamente, podemos dizer que neste trecho há um certo sentimento de *afeto* e/ou *carinho*?

2. A quem se refere a palavra destacada?

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida. Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha.

E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito apurcado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando- a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

COLASANTI, Marina. *A moça tecelã*. In.: *Um espinho de marfim e outras histórias*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

Glossário: Tecer – *entrelaçar, tramar os fios*. Tear – *aparelho que entrelaça os fios*. Lançadeira - *peça do tear*.

Antes de responder as próximas perguntas, faça uma leitura expressiva do texto. Que tal ler em voz alta?

Preste bastante atenção aos sinais de pontuação e planeje que emoção quer transmitir em cada fala. Se houver palavras que você não conheça, use o dicionário e pronuncie lentamente a palavra, para se acostumar com os sons. Que tal gravar a sua leitura? Você pode presentear pessoas queridas com a sua leitura!

3. Qual é o elemento mágico da história?

4. Você percebeu que no texto há bastante uso da linguagem figurada? A que se refere o trecho destacado em “Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. “

5. Como é o narrador do conto?

6. Preencha o quadro, identificando a organização do texto. Você pode indicar os parágrafos ou contar com suas palavras.

SITUAÇÃO INICIAL	Apresentação, início da história. É o momento inicial, de equilíbrio. Apresenta-se o tempo e o espaço da narrativa, os personagens.	
COMPLICAÇÃO.	Conflito gerador. O equilíbrio inicial se rompe e se desenrola o conflito.	
CLÍMAX	O momento de maior tensão da história.	
DESFECHO	Solução do conflito. Volta ao equilíbrio. Final da história.	

7. O que os termos destacados nos trechos a seguir indicam sobre o marido da tecelã?

“Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.”

“Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.”

8. Quando o marido chegou, a tecelã foi feliz, por algum tempo. O que ocasionou a mudança no marido?

9. Infira, a partir das pistas do texto, características da tecelã.

10. Qual é a finalidade do texto? _____

Aproveite mais um conto!

Texto 11 - O perfume do Rio

Heloisa Seixas

Eu estava na praia quando caiu o temporal. Era um meio de tarde, não mais de quatro horas, e lembro-me de que estava deitada de frente para o mar do Leblon, lendo. De repente, senti uma chicotada nas costas. A areia me fustigou com tal violência que a revista me foi arrancada das mãos. Tapei os olhos, esperando que a ventania passasse. Mas não passou. Depois de me levantar com dificuldade, enquanto o vento me empurrava em direção ao mar, recolhi minhas coisas como pude e virei-me em direção à rua – justamente de onde vinha o vento. Enfrentei-o, caminhando quase agachada e ouvindo a algazarra dos banhistas que, sem exceção, corriam para se abrigar.

Num brevíssimo intervalo entre duas lufadas, olhei para cima. O céu, por trás dos prédios, era de um negro profundo, parecia saído de um filme de ficção científica. Um raio e um trovão simultâneos me fizeram baixar a vista e apertar o passo.

Não tinha ainda alcançado o outro lado da Delfim Moreira quando a chuva caiu. Uma chuva desalmada, de instintos assassinos, que me ensopou em segundos.

Corri para uma das ruas transversais, procurando abrigo. A rua estava deserta, ninguém à vista. Nem qualquer lugar que pudesse me servir de refúgio. No Rio, os prédios se cercaram todos de grades de ferro e suas marquises ficaram para além das lanças pontiagudas, em território proibido. Já não servem a ninguém em dia de chuva.

Eu estava a poucos quarteirões de casa, mas água e vento me batiam com tamanha violência que eu mal podia caminhar. Não havia alternativa a não ser parar em algum lugar e esperar passar a tormenta. Lembrei-me, então, do pequeno largo, um recuo, do lado direito da rua, que imaginei abrigado, senão da chuva, pelo menos da força do vento. Ainda com dificuldade e sentindo a água me açoitar as costas nuas, caminhei até lá.

O largo, cercado de prédios baixos e amendoeiras, me acolheu. De fato, ali ventava menos. Tremendo de frio e susto, esperei que a chuva passasse, encostada ao muro de um prédio antigo, cujas pedras ainda emanavam o calor da tarde. Abraçada à minha bolsa de lona, tão molhada quanto eu, fiquei ali, pensando em toda sorte de histórias sobre raios fulminantes.

Foram muitos minutos até que a tormenta recuasse. Mas, quando isso aconteceu, foi como se o mundo emergisse de uma paixão avassaladora e respirasse, salvo. Fechei os olhos.

E foi então que o cheiro das amendoeiras me invadiu.

Um cheiro ácido, verde, úmido – a alma das árvores delas se desprendendo, leve e lavada. Um aroma que a chuva acentuara, sem dúvida, mas que eu reconheci porque já o sentira antes, muitas vezes, sem que disso me desse conta. Agora ele estava apenas mais forte, mas a verdade é que sempre estivera lá. O cheiro das amendoeiras.

É esse o perfume do Rio.

SEIXAS, Heloisa. *Contos Mínimos*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

Para saber mais sobre o CONTO, que tal assistir a um programa muito legal?

Convide alguém da sua família e assistam juntos ao episódio da série “Morde a Língua”

**Não perca!
Morde a Língua -
Vladimir, o sapo, e
outras histórias:
contos .**

Acesse Multirio
<http://bit.ly/2nTI9hk>



1. Qual é o foco narrativo, onde e em que momento do dia se passa a situação inicial?

2. Que acontecimento inicia o conflito gerador?

3. Como a cena da força violenta do vento é narrada?

4. O vocábulo “desalmada”, da expressão metafórica “chuva desalmada”, pode ser associado a que outra palavra sinônima? Utilize um dicionário se precisar.

5. Que crítica a personagem faz no quarto parágrafo?

6. O que veio após a ventania?

7. Encontre o sentido da palavra destacada e uma comparação no trecho “[...] Num brevíssimo intervalo entre duas lufadas, olhei para cima. O céu, por trás dos prédios, era de um negro profundo, parecia saído de um filme de ficção científica [...]”

8. Percebemos que um caminho narrativo conduziu ao clímax. No conto, quais foram os momentos de maior tensão?

9. Retire do conto o trecho que nos conta o que a personagem sentiu, quando a tormenta passou.

10. A que recorrente ditado popular podemos relacionar o que a personagem vivenciou quando a tormenta acabou?

11. No desfecho, ao fechar os olhos, qual é a revelação feita pela personagem?

12. Releia o trecho e observe os vocábulos destacados.

“[...] Um cheiro ácido, verde, úmido – a alma das árvores delas se desprendendo, leve e lavada. Um aroma que a chuva acentuara, sem dúvida, mas que eu reconheci porque já o sentira antes, muitas vezes, sem que disso me desse conta [...]”

a) A que se referem as palavras “leve e lavada”, “o” e “disso”?

b) Quais são os efeitos de sentido de “e”, “mas”, “porque”, “já” e “sem que”?

13. Ao final, o conto, em prosa, leva-nos a imaginar uma bela imagem poética. Qual cena mais chamou a sua atenção ou por quais cenas você ficou cativado(a)? Por quê?

Produção de Texto

Seu desafio agora será escrever um conto. Imagine que o personagem principal do conto está andando pela Cidade do Rio de Janeiro quando um fato inesperado acontece, fazendo-o muito feliz. Capriche na descrição do espaço, contando para o leitor as belezas da nossa cidade. Dê preferência ao seu bairro ou a partes da cidade que você conheça bem.

Lembre-se de que um conto deve ter:

- ✓ um narrador (apenas observador ou personagem);
- ✓ início, meio e fim, ou seja:
 - uma situação inicial,
 - um conflito, a complicação dessa situação inicial,
 - um clímax e
 - o desfecho da história.

Escreva seu texto organizando-o em parágrafos.

Compartilhe a primeira versão do seu texto com um colega e com o(a) professor (a) para que o ajudem com a **revisão**. Durante a revisão você deve cuidar para que o texto fique claro para os leitores.

Use a estratégia de fazer uma lista do que observar na revisão, por exemplo:

- Há palavras repetidas sem necessidade? As palavras estão escritas de forma correta?
- Foi utilizada adequadamente a pontuação? E a letra maiúscula? ...

Por fim, reescreva levando em conta o que observou na revisão. E compartilhe o seu texto!

Já que falamos de nossa cidade, os próximos textos têm tudo a ver com ela!

Texto 12 A origem do samba

A origem do samba está associada à mistura de elementos musicais herdados da África e da Europa, que se deu na Cidade do Rio de Janeiro no século XIX.

Cláudio Fernandes

O samba é considerado por muitos críticos de música popular, artistas, historiadores e cientistas sociais como o mais original dos gêneros musicais brasileiros ou o gênero musical tipicamente brasileiro. [...]

O samba originou-se dos antigos batuques trazidos pelos africanos que vieram como escravos para o Brasil. [...] Os ritmos do batuque aos poucos foram incorporando elementos de outros tipos de música, sobretudo no cenário do Rio de Janeiro do século XIX.

A partir do século XIX, a Cidade do Rio de Janeiro, que se tornara a capital do Império, também passou a comportar uma leva de negros vindos de outras regiões do país, sobretudo da Bahia. Foi nesse contexto que nasceram os aglomerados em torno das religiões iorubás na região central da cidade, principalmente na região da Praça Onze. [...]

A palavra *samba* remete, propriamente, à diversão e à festa. Porém, com o tempo, ela passou a significar a batalha entre especialistas no gênero, a batalha entre quem improvisava melhor os versos na roda de samba*. Um dos segmentos do samba carioca, o *Partido alto*, caracterizou-se por isso. Como disse o pesquisador Marco Alvito, em referência à história da palavra: “Uma das possíveis origens, segundo Nei Lopes, seria a etnia quioco, na qual *samba* significa cabriolar, brincar, divertir-se como cabrito. [...] (ALVITO, Marcos. *Samba*. In: Revista de história da Biblioteca Nacional. Ano 9. nº 97. Outubro, 2013. p 80).”

Adaptado de

<https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/origemsamba.htm>

Texto 13 A história do samba

Saiba mais sobre o gênero que se transformou em identidade nacional e sofreu influências de diversos ritmos

Graziela Salomão

O samba, como conhecemos atualmente, tem origem afro-baiana, temperado com misturas cariocas. Nasceu da influência de ritmos africanos, adaptados para a realidade dos escravos brasileiros e, ao longo do tempo, sofreu inúmeras transformações de caráter social, econômico e musical, até atingir as características conhecidas hoje.

O gênero, descendente do lundu (canto e dança populares no Brasil do século XVIII), começou como dança de roda originada em Angola e trazida pelos escravos, principalmente para a região da Bahia. [...]

Com a transferência, no meio do século XIX, da mão-de-obra escrava da Bahia para o Vale do Paraíba e, logo após, o declínio da produção de café e a abolição da escravatura, os negros deslocaram-se em direção a capital do país, Rio de Janeiro.

Instalados nos bairros cariocas de Gamboa e Saúde, eles dariam início à divulgação dos ritmos africanos na Corte. Era nas casas das tias baianas, como Amélia, Ciata e Prisciliana, que aconteciam as festas de terreiro, as umbigadas e as marcações de capoeira ao som de batuques e pandeiros. [...]

Adaptado de

<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT865240-1655-1,00.html>

Glossário: comportar - *reunir*. Contexto - *época*. Remete - *refere-se*. Cabriolar - *balançar-se*.

Vamos problematizar? Se liga no papo!

Você sabia que há diferença entre o uso do termo *escravo* e *escravizado*?

De acordo com o autor Nei Lopes, na obra *Dicionário Escolar Afro-Brasileiro* (2015), a escravidão representa uma forma extrema de trabalho forçado, no qual os direitos da pessoa e sua força de trabalho, por meio de violência, se tornam propriedade de outrem. O comércio de escravos no mundo transformou-se num grande negócio, enriquecendo comerciantes e demais intermediários, de modo que a pessoa escravizada não era apenas força de trabalho, mas um bem econômico.



O uso do termo *escravo*, quando associado ao sistema escravocrata de exploração e desumanização de pessoas, em sua maioria, sujeitos de origem africana e/ou afrodescendentes, é compreendido como um termo pejorativo, ao passo que reduz a condição de existência desses sujeitos à forma de trabalho ao qual foram submetidos, ou seja, a condição de mercadoria. O uso do termo *escravizado*, por sua vez, rompe com o sentido de condição natural imposta a esses sujeitos, para demarcar que foram vítimas desse sistema. O termo *escravizado*, ainda, remete a possibilidade de que essas pessoas tenham resistido, se rebelado e ainda tenham sido agentes nesse processo, devolvendo-lhes a condição de humanidade.

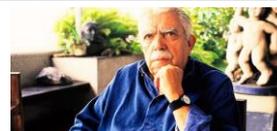
[Contribuição da Equipe da Gerência de Relações Étnico - Raciais]

1. Podemos dizer que os textos 12 e 13 tratam principalmente de quê?

2. Cite uma informação que esteja no texto 12 e não esteja no texto 13.

3. Qual é a finalidade dos textos 12 e 13?

O próximo texto é o início de uma crônica de Rubem Braga.



<https://novaescola.org.br/conteudo/2225/rubem-braga-o-maior-cronista-brasileiro-do-seculo-20>

Texto 14 - MAR

Rubem Braga

A primeira vez que eu vi o mar eu não estava sozinho. Estava no meio de um bando enorme de meninos. Nós tínhamos viajado para ver o mar. No meio de nós havia apenas um menino que já o tinha visto. Ele nos contava que havia três espécies de mar: o mar mesmo, a maré, que é menor que o mar, e a marola, que é menor que a maré. Logo a gente fazia ideia de um lago enorme e duas lagoas. Mas o menino explicava que não. O mar entrava pela maré e a maré entrava pela marola. A marola vinha e voltava. A maré enchia e vazava. O mar às vezes tinha espuma e às vezes não tinha. Isso perturbava ainda mais a imagem. Três lagoas mexendo, esvaziando e enchendo, com uns rios no meio, às vezes uma porção de espumas, tudo isso muito salgado, azul, com ventos.

Fomos ver o mar. Era de manhã, fazia sol. De repente houve um grito: o mar! Era qualquer coisa de largo, de inesperado. Estava bem verde perto da terra, e mais longe estava azul. Nós todos gritamos, numa gritaria infernal, e saímos correndo para o lado do mar. As ondas batiam nas pedras e jogavam espuma que brilhava ao sol. Ondas grandes, cheias, que explodiam com barulho. Ficamos ali parados, com a respiração apressada, vendo o mar...[...]

Adaptado de BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. 37ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2014, p.39

1. Que fato é assunto da crônica?

2. De que tipo é o narrador do texto? _____

3. De que forma o narrador descreve primeiramente o mar, no momento em que o viu? Sublinhe o trecho no texto.

4. Observe a construção do início do segundo parágrafo. Qual é o efeito provocado pelo uso de frases curtas?

Para saber mais sobre Rubem Braga, acesse os links ou utilize o QR CODE.

